

'Marta vai me pedir desculpas', reage Gabeira

Pré-candidato ao governo do Rio usou o Twitter para se defender da acusação de que mataria diplomata americano

Clarissa Thomé / RIO

O pré-candidato do PV ao governo do Rio, Fernando Gabeira, usou as redes sociais para comentar as declarações da petista Marta Suplicy sobre sua atuação no combate à ditadura militar. Ela disse que o deputado verde foi "o escolhido pa-

ra matar o embaixador" norte-americano Charles Elbrick, sequestrado em 1969.

No Twitter, Gabeira escreveu: "Daqui a alguns anos a Marta vai me pedir desculpas e eu certamente vou aceitar." Ele também postou um ranking, feito pelo site Celeb Brasil, que acompanha notícias sobre celebridades. Após as declarações da ex-prefeita de São Paulo e os comentários que elas provocaram, Gabeira saiu da 402.ª colocação para a 7.ª.

Marta fez as declarações num discurso para militantes petistas, em São Paulo, no domingo. Para defender a candidatura de

Dilma Rousseff de ataques por sua participação na luta contra a ditadura, no interior de uma organização que defendia a luta armada, lembrou que Fernando Gabeira participou da luta armada. "Esse sim sequestrou", afirmou a petista, que deve concorrer a uma vaga no Senado.

Ontem, Gabeira deu por encerrado o episódio. "Como aconteceu no passado, depois de algum tempo ela percebe que errou a mão e pede desculpas."

Em 2007, em meio à crise aérea que paralisou aeroportos e provocou protestos dos passageiros, a então ministra do Turis-

mo recomendou que se acalmassem, recorrendo a um velho ditado: "Relaxa e goza". Em 2008, na eleição municipal, quando concorria com Gilberto Kassab, causou nova polêmica quando seus marqueteiros insinuaram na TV que ele era homossexual.

Gabeira participou, de fato do sequestro do embaixador americano, em 1969. Foi a mais espetacular e bem sucedida ação das organizações de resistência armada. O embaixador ficou preso durante quatro dias e foi solto após as exigências dos sequestradores terem sido atendidas. / COLABOROU ROLDÃO ARRUDA

Vannuchi admite Brasil condenado na corte da OEA

O ministro Paulo Vannuchi, da secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, reconheceu ontem que há possibilidade de uma sentença negativa para o Brasil na Corte Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA). Em

audiência marcada para os dias 20 e 21, o País será submetido a julgamento por não apurar o desaparecimento, a tortura e a morte de guerrilheiros no Araguaia na primeira metade dos anos 70.

"Eu temo pelo pior", disse Vannuchi, após participar do 22º Fórum Nacional, no auditório do BNDES. "É claro que quando uma solução amistosa não segue adiante é ruim. A imagem do Brasil de um país muito sensível aos direitos humanos então sofre danos." / FELIPE WERNECK

Anos de chumbo

MILITÂNCIA CONTRA DITADURA ESQUENTA DEBATE ELEITORAL

Principais personagens da atual cena política combateram o regime militar, que ruiu em 1985, quando 18% dos eleitores não tinham nascido

Roldão Arruda

A ditadura militar acabou oficialmente há 25 anos. Do conjunto de 133 milhões de cidadãos que hoje compõem o colégio eleitoral, 18% nem tinham nascido naquele ano de 1985, quando a Presidência da República foi entregue a José Sarney – o primeiro civil no cargo após 21 anos de mandatos de generais. Outros 24% tinham menos de dez anos.

Do ponto de vista da experiência pessoal, portanto, a ditadura não foi vivida ou constituiu uma vaga lembrança para 42% do eleitorado. Apesar disso, estão surgindo sinais de que o tema voltará a ganhar espaço no debate eleitoral deste ano.

O primeiro deles foi uma campanha, ainda em curso na internet, contra a candidata Dilma Rousseff, do PT, apontando-a como terrorista e sequestradora. O segundo foi a resposta a essa campanha, no programa partidário do PT, na semana passada, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva defendeu a candidata. Disse que lutou pela democracia e a comparou a Nelson Mandela, na resistência ao apartheid.

No domingo, Marta Suplicy, que deve concorrer a uma cadeira no Senado, fez novo disparo. Disse que quem sequestrou mesmo na ditadura foi Fernando Gabeira – o candidato do PV ao governo do Estado do Rio e aliado de José Serra, o tucano que está em campo para disputar a Presidência com Dilma.

Pode-se dizer que o elemento desencadeador dessa retomada daquele período históri-

PASSADO REVIVIDO



Defesa
Atacada na internet, pelo seu passado, Dilma foi defendida por Lula no programa do PT



Silêncio
Após ser citado por Marta Suplicy como sequestrador, Gabeira preferiu deixá-la sem resposta

co é o desembarque de Dilma na cena eleitoral. Ela participou, de fato, de uma organização que defendia a resistência armada e incluía no seu rol de ações assaltos a bancos e sequestros. Por causa disso, ela foi presa e torturada.

Mas não é tudo. Quem observar o teatro político verá que alguns dos principais personagens em cena começaram na ditadura. Gabeira participou do sequestro do embaixador americano Charles Elbrick, em 1969. Ser-

Para analista político, polêmica iniciou com erros dos dois lados

ra ajudou a fundar a Ação Popular, que também se opunha os generais, embora sem recorrer às armas. Marina Silva, do PV, cresceu politicamente na resistência democrática. Lula foi preso por desafiar o poder ditatorial. Seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso, amargou o exílio por defender a democracia.

Essas e outras histórias têm si-

do revividas e exploradas em cada eleição. Ora para enaltecer o candidato, mostrando-o como um defensor da democracia, ora para atacá-lo. Até 2002, o passado de Lula era lembrado pelos seus opositores como símbolo de baderna e insegurança – por causa das greves que conduziu e pelo apoio que dava às ações dos sem-terra.

Para o cientista político Alberto Carlos Almeida, autor do livro *A Cabeça do Eleitor*, o efeito dessas reverberações, para o bem ou para o mal, já não têm o peso que seus autores pensam ter. "O eleitor ouve como curiosidade e pergunta: e agora? Vamos discutir o que é mais importante?"

Na opinião de outro analista político, Marco Antonio Teixeira, professor da Fundação Getúlio Vargas, o debate começou mal. Ele considerou errados tanto o ataque a Dilma quanto a resposta petista. "Ter lutado contra a ditadura é algo positivo do ponto de vista da democracia."